

INDÚSTRIA

Indústria de transformação no Brasil

Flávio Benevett Fligenspan

Passado algum tempo, já é possível ter claro que os meses de maio e junho de 1988 representam o final de um período em que as taxas de crescimento da indústria de transformação brasileira deixaram de ser fortemente negativas e se tornaram cada vez mais próximas de zero, isto é, mostraram quedas cada vez menos expressivas. Esse movimento aparece tanto para o total da indústria de transformação como para as várias categorias de uso, conforme demonstra a Tabela 1.

A diminuição do ritmo de queda é um movimento esperado para o segundo semestre de 1988, quando a base de comparação — o segundo semestre de 1987 — passa a ser uma base fraca em contraposição ao primeiro semestre de 1987, que foi uma base excepcionalmente alta e mascarou a queda verificada no primeiro semestre de 1988, superestimando-a. Tanto é assim que a observação feita no número anterior desta publicação continua válida: a queda verificada nos primeiros meses de 1988 deve ser relativizada. Isso fica claro quando se examina a Tabela 2, que traz as médias semestrais dos índices de base fixa mensal¹. Observa-se, então, que o primeiro semestre de 1988, apesar de apresentar uma média menor que a de 1987, se mostra superior à média dos anos anteriores, incluindo 1986, sabidamente um ano de exceção pela expansão proporcionada pelo Plano Cruzado. Ora, esse nível de produção fica mascarado quando se usa o índice acumulado no ano (Tabela 1), cuja base é o mesmo período do ano anterior — no caso, o primeiro semestre de 1987. Observa-se, ainda no segundo semestre de 1987, um nível relativamente baixo, o que permite a previsão de uma recuperação da taxa anual de 1988 com base no desempenho da sua segunda metade. Com isso, a taxa de crescimento da produção, que até a metade do ano em curso era de -5,17%, deve chegar em dezembro com um número muito próximo de zero, sendo que, nos últimos meses, tem crescido a possibilidade de esse número se tornar positivo, ainda que pequeno. Contudo essa recuperação da taxa anual, por trazer embutido o viés das bases de comparação, não deve ser entendida como uma recuperação econômica no sentido amplo da expressão.

Continua, portanto, evidente o caráter de crise que vive a indústria brasileira, pois não é possível defender-se a idéia de que o nível de produção alcançado é satisfatório simplesmente porque é pouco superior ao de 1986. Com certeza, a necessidade de crescer a taxas altas continua sendo básica no sentido de integrar mão-de-obra e expandir o mercado consumidor. É essa expansão que está travada pela crise geral da economia brasileira, cujas características mais marcantes são a queda do poder de compra dos salários, a situação das finanças públi-

¹ Esse índice tem sua base (nível 100) igual à média mensal de 1981, evitando, assim, a distorção de se trabalhar com uma base próxima no tempo e eventualmente atípica quando se toma para análise um período específico como um semestre.

cas — que estanca os investimentos, inclusive os privados — e o perverso gerenciamento da dívida externa.

Abstraído-se um pouco da questão mais geral, passa-se a examinar um ponto específico que tem despertado discussão no setor industrial: qual a influência da absorção externa no desempenho da produção da indústria de transformação.

Tabela 1

Taxas de crescimento acumuladas da produção da indústria de transformação
e das categorias de uso no Brasil — 1988

DISCRIMINAÇÃO	TAXAS DE CRESCIMENTO ACUMULADAS (%)							
	ATÉ JAN	ATÉ FEV	ATÉ MAR	ATÉ ABR	ATÉ MAIO	ATÉ JUN	ATÉ JUL	ATÉ AGO
Acumulada no ano (1)								
Indústria de transformação	-9,25	-9,30	-6,18	-6,72	-6,54	-5,17	-4,12	-2,63
Bens de capital	-9,59	-7,19	-2,55	-3,25	-3,54	-2,95	-2,73	-1,20
Bens intermediários	-6,35	-5,94	-3,74	-4,15	-4,16	-2,99	-2,38	-1,20
Bens de consumo	-10,25	-11,52	-7,68	-8,42	-8,07	-6,23	-4,57	-2,72
Duráveis	-17,30	-16,87	-8,67	-9,12	-8,25	-6,25	-2,66	0,73
Não duráveis	-8,68	-10,26	-7,45	-8,27	-8,03	-6,34	-5,01	-3,51
Acumulada em 12 meses (2)								
Indústria de transformação	-0,27	-1,93	-2,96	-4,28	-5,16	-5,23	-4,51	-3,47
Bens de capital	-3,15	-4,45	-4,90	-5,59	-6,46	-5,96	-5,40	-3,63
Bens intermediários	0,10	-1,08	-1,86	-2,91	-3,64	-3,60	-3,26	-2,42
Bens de consumo	-0,94	-2,85	-3,87	-5,23	-5,86	-5,80	-4,32	-3,03
Duráveis	-6,80	-8,66	-7,95	-8,68	-8,20	-7,31	-3,72	-1,01
Não duráveis	0,51	-1,42	-2,88	-4,40	-5,30	-5,44	-4,46	-3,50

FONTE: IBGE.

(1) A taxa acumulada no ano mede o crescimento da produção de janeiro até o mês de referência, em relação a igual período do ano anterior. (2) A taxa acumulada em 12 meses mede o crescimento da produção nos últimos 12 meses até o mês de referência, em relação aos 12 meses imediatamente anteriores.

Tabela 2

Taxas médias semestrais do índice de base fixa mensal e taxa de crescimento
dos segundos semestres em relação aos primeiros da
produção industrial no Brasil — 1984/88

ANOS	TAXAS MÉDIAS		TAXA DE CRESCIMENTO (%)
	1º Semestre	2º Semestre	
1984	92,59	105,79	14,26
1985	98,21	118,02	20,17
1986	110,07	130,71	18,75
1987	119,43	123,78	3,64
1988	111,67	-	-

FONTE: IBGE.

O peso das exportações

Apesar de as exportações virem crescendo há vários anos, especialmente em épocas de crise do mercado interno, os setores que já têm tradição no mercado externo buscaram intensificar ainda mais essa saída para evitar uma queda grande no seu nível de produção. O ano de 1987, especialmente a partir de maio/junho, quando se torna mais nítido o desaquecimento interno, mostrou claramente esse movimento depois do atípico crescimento do mercado durante o Plano Cruzado. O ano de 1988 repetiu e amplia esse processo, alcançando constantemente recordes de valor exportado ou saldos comerciais. Os produtos industrializados têm alcançado peso cada vez maior na pauta de exportações brasileiras, chegando a ser responsáveis por mais de 70% do total do valor exportado de janeiro a agosto de 1988² e apresentando um crescimento de 44,76% em relação ao valor acumulado no mesmo período do ano anterior (G.M. 17/19.10.88, p.3).

A questão que se coloca e que tem preocupado os analistas do setor industrial é a respeito da influência que esse aumento de exportações pode ter sobre a taxa de crescimento da produção. Para fazer uma aproximação com o tema, elaborou-se a Tabela 3, que tenta compatibilizar informações a respeito da produção física, cuja fonte é o IBGE, com informações sobre valor, quantidade e preço das exportações, cujas fontes são a Carteira de Comércio Exterior (CACEX) e a Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (FUNCEX).³

Partindo-se dos setores da matriz de relações intersetoriais do IBGE e com o objetivo de tornar a análise mais simples, selecionaram-se grupos de acordo com o desempenho setorial da produção e das exportações. Assim, o Grupo 1 relaciona os setores que apresentam taxa positiva — e em muitos casos bastante elevada — da produção, associada a incremento das exportações. Isso dá uma primeira aproximação da relação entre incremento da produção e das exportações, na medida em que, como já foi visto, a produção da indústria de transformação tem apresentado crescimento negativo. Dito de outra forma, busca-se explicar de onde viria o estímulo de crescimento desses setores que se desviaram da média da indústria. Esmiuçando mais a relação, abriu-se o crescimento do valor exportado em crescimento das quantidades e dos preços, e, nesse caso, os setores do Grupo 1 mostraram que a relação positiva que aparecia entre crescimento da produção e das exportações se devia muito mais à expansão física das exportações do que ao aumento dos preços internacionais. Isso torna a relação ainda mais significativa para os interesses da análise, pois agora trabalha-se com incremento das quantidades exportadas para explicar, pelo menos parcialmente, um incremento da pro-

² Para um comentário mais amplo sobre esse tema, ver o número anterior desta publicação.

³ As dificuldades de compatibilização são muito grandes, pois diferentes fontes classificam os produtos de diferentes maneiras, agregando-os de formas diversas. Isso impede que se examine produto a produto, ou mesmo que se expanda a análise de forma agregada, pois grupos de produtos nem sempre se combinam. Assim, apresentaram-se na Tabela 3 os únicos setores em que foi viável a compatibilização. Apesar das dificuldades, foi possível abarcar com esses setores 21,77% da pauta de exportações do período jan.-ago./88 e 20,47% do total do Valor da Transformação Industrial, de acordo com o Censo Industrial de 1980.

dução bem superior ao da média. Destaque-se nesse grupo os setores ferro gusa; aço, ferro-ligas em forma primária; e abate e preparação de carne (bovina), com expressivas taxas de crescimento da produção e incrementos significativos nas quantidades exportadas. Destaque-se ainda que, apesar da limitação dada pela dificuldade de compatibilização, os setores desse grupo representam 14,57% da pauta de exportações de janeiro a agosto.

Tabela 3

Taxas de crescimento da produção industrial e das exportações de setores selecionados da matriz de relações intersetoriais do IBGE no Brasil — 1987/88

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO FÍSICA ACUMULADA NO ANO	TAXA DE CRESCIMENTO DO VALOR EXPORTADO		TAXA DE CRESCIMENTO DA QUANTIDADE EXPORTADA	TAXA DE CRESCIMENTO DO PREÇO MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES
	Jan.-Ago./88	Jan.-Ago./88	Jan.-Ago./88	Jan.-Ago./88	Jan.-Ago./88
	Jan.-Ago./87 (A)	Jan.-Ago./87 (B)	Jan.-Ago./87 (C)	Jan.-Ago./87 (D)	Jan.-Ago./87 (E)
Grupo 1					
Ferro gusa	13,70	45,08	82,26	81,24	0,56
Aço, ferro-ligas em forma primária	15,96	(1) 181,82	(1) 83,22	(1) 52,33	(1) 20,28
Material de transporte (o gênero)	10,24	(2) 13,51	36,68	20,64	13,29
Celulose e pasta mecânica	6,05	(3) 72,96	(3) 107,69	(3) 66,24	(3) 24,93
Pneumáticos	3,28	36,44	(4) 64,15	(4) 46,92	(4) 11,72
Refino de petróleo	2,05	(5) 29,69	(5) 43,81	(5) 74,06	(5) 17,38
Petroquímicos	4,90	(6) 75,00	(6) 74,74	(6) 49,66	(6) 16,75
Abate e preparação de carne (bovina)	19,56	(7) 36,55	(7) 62,04	(7) 101,21	(7) 19,47
Grupo 2					
Papel e papelão	-1,25	(8) 101,56	(9) 129,27	(9) 120,95	(9) 3,77
Calçados	-2,56	(8) 18,73	24,20	21,69	2,06
Grupo 3					
Refino de açúcar	-3,28	-14,89	-33,84	-44,67	19,58
Refino de óleos e gorduras para alimentação	11,37	(10) 20,00	(10) 16,78	(10) 34,97	(10) 27,96
Indústria de transformação	-2,63	44,76	60,48	(11) 45,34	12,04

FONTE: Coluna A - IBGE.

Coluna B - GAZETA MERCANTIL (17/19.10.88). São Paulo. p.3.

Coluna C, D e E - BALANÇA COMERCIAL E OUTROS INDICADORES CONJUNTURAIS Rio de Janeiro, FUNCEX, n.97, ago.

(1) Ferro-ligas em bruto. (2) Composição de vários itens da pauta de exportações: automóveis de passageiros, veículos CKD, veículos de carga, etc. (3) Pasta química de madeira à soda e ao sulfato (4) Borracha manufaturada (5) Óleo combustível de petróleo. (6) Produtos químicos orgânicos (7) Carne de bovino industrializada (8) Composição de vários itens da pauta de exportações. (9) Papel e suas manufaturas. (10) Óleo de soja refinado. (11) Essa taxa para o total da indústria de transformação agrega quantidades, medidas em toneladas, de vários produtos diferentes, logo, deve ser interpretada com cuidado.

O Grupo 2, que relaciona apenas os setores papel e papelão e calçados, apresenta taxas de crescimento da produção negativas — porém próximas da média da indústria de transformação — e comportamento das exportações semelhante ao do Grupo 1. Nesse caso, por mais que tenham aumentado as quantidades exportadas, esse incremento não foi suficiente para tornar positiva a taxa de crescimento da produção, dada a queda da demanda interna. Pode-se argumentar, porém, que, se não houvesse tal incremento, a produção teria caído ainda mais.

Já o Grupo 3, composto por dois setores ligados à indústria de alimentação, mostra um comportamento diverso no setor externo. Nesses casos, as quantidades exportadas caíram, e os preços internacionais cresceram, movimento este que está associado a uma taxa negativa (no caso

de refino de açúcar) e a uma taxa altamente positiva de incremento da produção (no caso de refino de óleos). Na primeira situação, poder-se-ia usar um argumento semelhante ao que foi usado para o Grupo 1, porém no sentido contrário: a queda das quantidades exportadas estaria explicando, mesmo que parcialmente, a queda da produção. A segunda situação, porém, é bastante atípica, e uma única tentativa de explicá-la seria pelo aumento dos estoques internos, hipótese que tem amparo na taxa de juros reais relativamente baixa durante o primeiro semestre do ano.

Resta dizer que os números para o total da indústria de transformação incluíam-na no Grupo 2, onde, apesar de uma taxa negativa de crescimento da produção, o valor das exportações cresce puxado por um expressivo incremento de quantidades e um pequeno aumento de preços. Logo, cabe aqui o mesmo tipo de argumento do Grupo 2, qual seja, mesmo contando com um relevante incremento das exportações, este não foi suficiente para tornar positiva a taxa de crescimento da produção.

A comparação com 1984

Quando se avalia a importância do setor externo como dinamizador da produção industrial, é inevitável lembrar de 1984. Naquele ano, os estímulos da demanda externa e do Setor Primário foram fundamentais para a recuperação da taxa de crescimento da produção, ao ponto de marcar o início de uma nova fase ascendente depois do período fortemente recessivo de 1980 a 1983.

Resgatando-se os dados de 1984 e comparando-os com os da tabela anterior para 1988, é possível observar que, para quase todos os setores, a produção acumulada no ano havia crescido até agosto de 1984 bem mais do que até agosto de 1988 (Tabela 4). Para a indústria de transformação como um todo, as taxas são de 5,14% e -2,63% respectivamente. Enquanto isso, o aumento das quantidades exportadas de janeiro a junho de 1984 é, para a maioria dos setores, menor que o do acumulado de jan.-jun./88, apesar de mostrarem crescimento positivo em relação ao mesmo período de 1983. Para o total da indústria de transformação, o crescimento da quantidade exportada nos primeiros seis meses de 1984 foi superior em 33,42% em comparação ao período do ano anterior, mas a relação entre 1988 e 1987 é maior: 45,34%.

Com base nisso, é de se supor que, até o momento, o estímulo do setor externo à produção industrial é mais intenso em 1988 do que o foi em 1984 e que, se o incremento da produção em 1988 é tão mais fraco que o de quatro anos antes, isto se deve a outros fatores que não a influência do setor externo.

Tabela 4

Taxa de crescimento da produção industrial e das exportações de setores selecionados da matriz de relações intersetoriais do IBGE no Brasil — 1983/84 e 1987/88

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSECTORIAIS	TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO FÍSICA ACUMULADA NO ANO		TAXA DE CRESCIMENTO DA QUANTIDADE EXPORTADA	
	Jan.-Ago./84	Jan.-Ago./88	Jan.-Jun./84	Jan.-Jun./88
	Jan.-Ago./83	Jan.-Ago./87	Jan.-Jun./83	Jan.-Jun./87
Ferro gusa	24,71	13,70	80,42	81,24
Aço, ferro-ligas em forma primária	25,66	15,96	(1)-29,62	(1) 52,33
Material de transporte (o gênero)	6,88	10,24	41,82	20,64
Celulose e pasta mecânica	13,32	6,05	(2) 9,08	(2) 66,24
Pneumáticos	11,03	3,28	(3) 101,27	(3) 46,92
Refino de petróleo	7,12	2,05	(4) 37,87	(4) 74,06
Petroquímicos	6,42	4,90	(5) 34,18	(5) 49,66
Abate e preparação de carne (bovina)	-9,31	19,56	(6) 4,40	(6) 101,21
Papel e papelão	11,11	-1,25	(7) 77,05	(7) 120,95
Calçados	13,68	-2,56	91,89	21,69
Refino de açúcar	-1,14	-3,28	40,37	-44,67
Refino de óleos e gorduras para alimentação	-2,76	11,37	(8)-87,02	(8)-34,97
Indústria de transformação	5,14	-2,63	(9) 33,42	(9) 45,34

FONTE: IBGE.
FUNCEX.

(1) Ferro-ligas em bruto. (2) Pasta química de madeira à soda e ao sulfato. (3) Borracha manufaturada. (4) Óleo combustível de petróleo. (5) Produtos químicos orgânicos. (6) Carne de bovino industrializada. (7) Papel e suas manufaturas. (8) Óleo de soja refinado. (9) Essa taxa para o total da indústria de transformação agrega quantidades, medidas em toneladas, de vários produtos diferentes, logo, deve ser interpretada com cuidado.